

JOSÉ DE MESQUITA

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE
NA
HISTÓRIA DE MATO GROSSO

(Discurso proferido pelo Desembargador José de Mesquita, a 26 de Janeiro de 1939, ao tomar posse da sua cadeira de sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

Nota de pesquisa: Publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*: Imprensa Nacional, v. 174, 1940, pg. 657-668)

Revista de Cultura
Ano XIII – Num. 148, Abril – 1939
Diretor: Pe. Thomas Fontes
Redação: Rua do Catete, 160 – Rio de Janeiro
Págs.193 e seguintes



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Penetro, entre desvanecido e confuso, a limieira augusta deste templo sagrado, “santus-santorum” do nosso Passado, onde se cultiva a grandeza da Historia e a belleza das tradições brasileiras. Chamastes-me e eu vim, cōnscio embora de que sómente a generosidade vos dictou esta, escolha, cabendo-me ainda esta rara fortuna de ser aqui recebido pela palavra autorizada e fascinadora de Fernando de Magalhães. Venho de longe, das extremas occidentaes da Pátria, duma região distante e quasi esquecida, em que, entretanto, ha mais de dois centennios, se ama e se serve devotadamente ao Brasil. A minha terra, com ser das ultimas e se integrar na communhão nacional, procurou como, que compensar, no seu intenso sentimento de brasilidade, a menor parcella de tempo em que lhe coube trabalhar pela Pátria comum. Longe no espaço, achou, na sua distancia mesma, novos motivos de fervente dedicação á causa brasileira, e fez-se a vedeta solitária do Oéste, prompta sempre á immolação e ao sacrificio por amor do Brasil. Entestando com dois paises estrangeiros, numa linha divisória de mais de três mil kilometros, coube-lhe, desde os tempos coloniaes, o papel de vigilante atalaia, primeiro contra as invasões castelhanas, e, ao depois, contra aquelles que succederam á Hespanha na posse das terras cisandinas. Possuindo um dos maiores territórios, com escasso e diminuto índice demographico, — o município mais populoso têm 1,3 habitante por km² — tem, no próprio drama da sua formação racial e expansão histórica, o sentido heróico duma grande epopéa, que obriga os seus naturaes a se multiplicarem afim de encher o vasio das suas immensas solidões sertanejas. Filha

JOSÉ DE MESQUITA

da arrancada bandeirante, a minha gente gravou, a fogo e sangue, na Historia pátria, as paginas mais bellas e nobres de ardente civismo e de alta brasilidade. Na luta contra a natureza hispida e aggressiva, contra o fero invasor das suas terras, e contra os cruéis usurpadores da sua liberdade, o mattogrossense teve sempre de centuplicar-se para enfrentar o inimigo, antepoando á escassez numérica o multiplicador admirável da sua bravura. Aprendemos na lição de Ricardo Franco que, no Forte de Coimbra, resistiu, serena e impavidamente, em 1801, com quarenta homens, aos setecentos soldados de D. Lazaro de Ribera e na de Antonio João, em Dourados, morrendo, ao lado dos seus dezeseis bravos companheiros, antes que entregar a praça que lhe fôra confiada.

Venho a vós, portanto, credenciado por esse Passado ancestral da minha gente e trago-vos destarte, como os pergaminhos do meu povo, não o fausto, a pompa, a divicia de que outros sóem ufanar-se, mas esse patrimônio moral de resistência cívica, que enforma a substructura ethnica do mattogrossense e lhe plasma a psyche, talvez única em nossa Historia. E vos apresento, nesta hora para mim solemne, e gratissima de minha posse neste Instituto, a affirmação do sentimento de viva brasilidade de minha terra e de minha gente.

O apparecimento de Matto-Grosso no scenário da vida nacional já é por si só, uma forte e sadia affirmação, de brasilidade. Capitulo dos mais impressivos e emocionantes da historia do bandeirismo, o descobrimento das minas do Cuyabá, **obra de brasileiros**, vale pelo mais admirável attestado da bravura e tenacidade de nossos avoengos. As bandeiras, e as monções, duas paginas da epopéa sem par que sagrou os paulistas como denodados “flibusteiros do sertão”, têm, na Historia de Matto-Grosso, lances dos mais audazes e extraordinários. Toledo Piza faz ver, em nota ás Chronicas de Cuyabá, que “poderia' haver entre estes bandeirantes alguns, portuguezes, porém os chefes eram paulistas e o grosso das forças era composto de índios mansos mestiços ou mamelucos”.

Foi o espírito heróico desses aventureiros, que se chamaram; Paschoal Moreira, Miguel Subtil, os irmãos Antunes Maciel e Paes de Barros, Almeida Lara, Moraes Navarros e outros, que o Brasil deve o devassamento e

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO

occupação definitiva do grande **hinterland** que, hoje, lhe leva os lindes até a Bolívia, ao Oéste, o Paraguay, ao, Sul. Ainda em obra recentíssima, Roger Courte-ville proclama que se póde “qualificar Matto-Grosso como criação exclusivamente brasileira”, e chama a “atenção para a organização autarchica da sociedade colonial da grande província mediterrânea.

Que quadros de bravura e heroísmo nos offrecem as chronicas primeiras de Cuyabá, vasadas no rude phraseado, simples e expressivo, do licenciado Barbosa de Sá e do camarista Costa e Siqueira, e nas quaes a sentimento de brasilidade aflora na magnífica lição, de amor á gleba virgem e de resistência aos mais agros revezes e ás mais rijas provações!

Os Annaes do Senado da Câmara de Cuyabá nos apontam no fundador do arraial da Bom Jesus, Paschoal Moreira Cabral, um “paulista das bons” e retraçam-lhe a figura moral nestas linhas expressivas: “homem chão, sem letras, pouco polido, de agudo entendimento, sem maldade, sincero, caritativo por extremo, servia e remediava a todos com o que tinha e na que podia, experto na milícia dos sertões e no exercício de minerar pelo ter já exercitado nas Minas Geraes, valoroso e constante no trabalho”. . . Eis alguns tópicos do velho código setecentista que registra a vida áspera dos primeiros annos de Cuyabá:

“Entrando o anno de 1720 fizeram viagem para estas minas algumas gentes divididas em diversos comboios, subindo o rio Anhanduhy, atravessando a vacaria, descendo pelo Mateteú deste pelo Paraguay acima. Padeceram grandes destroços, perdições de canôas nas cachoeiras por falta de pilotos e prácticos, que ainda então não havia, mortandades de gentes por falta de mantimentos, doenças, comidas de onças e outras muitas misérias. Houve comboio de canôas em que morreram todos, sem ficar um vivo, pois eram achadas as canôas e fazendas podres pelos que vinham atrás e os corpos mortos pelos reductos e barrancos”.

A tragédia das monções, cuja partida Almeida Junior immortalizou em tela suggestiva e cuja epopéa anonyma Vicente de Carvalho perpetuou em versos magníficos, culmina na guerra, dos Payaguás, os rudes dominadores dos rios

JOSÉ DE MESQUITA

Paraguay, S. Lourenço; e Cuyabá, offerecendo-nos episódios de vivo heroísmo, que marcam de fôrma imperecível o grande drama da conquista dos sertões.

Desde o encontro da barra do Xanés, mencionado no anno de 1725, no qual de cerca de vinte canôas “com o melhor de 600 pessoas”, “acabaram todos os que vinham na conserva, escapando um só branco e um negro, que foram tomados por outras canôas que vinham atraz”, até o ataque da passagem do Paraguay, em 1775, menciona Beaurepaire Rohan, nos seus Annaes de Matto-Grosso, dezeseite hostilidades dos índios, qual a qual mais feroz e sangrenta. No combate de 1726, na monção que de Cuyabá regressava a S. Paulo, os itúenses Miguel Antunes Maciel e Antonio Antunes Lobo de tal modo se houveram que, no dizer do chronista Barbosa de Sá, mereciam seus nomes “letras de ouro escriptas nas azas da fama”. Pelejaram das oito da manhã ás duas da tarde, “primeiro com armas de fogo, depois deixadas estas a espada, e perdidos todos os companheiros e remeiros, manterão (sic) elles sós a peleja. . . the que renderão as vidas, deixando, sufficiente matéria para sabidos elogios”. Celebrizam-se no primeiro encontro do Carandá, em 1733, José Cardoso Pimentel, Maria mulata e um negro, de nome Sebastião, e, no segundo, três annos após, Manoel Rodrigues do Prado, de Pindamonhangaba, por vulgo Mandú-Assú, por sua corpulência e força, e sua mulher, mulata como elle, que lhe carregava as armas, enquanto elle fazia pontaria.

Cabral Camello, outro chronista primitivo, relata uma viagem normal, que fez em 1727, tendo sahido de Sorocaba com quatorze negros e três canôas, numa frota de 23 embarcações, chegando apenas destas 14, sendo uma delle, e um dos escravos, pois teve de vender dez para pagar dividas e os mais morreram!

Não eram sómente estas as agruras que affligiam os nascentes povoados, senão que outras ainda e maiores, oriundas da própria natureza, quando não das duras extorsões do fisco, symbolizado no ferrenho D. Rodrigo Cesar, de cujo período diz a Chronica “era tudo misérias, queixas e lamentos: a terra falta de mantimentos por falharem as roças, que brotavam os milhos, espigas sem gram algum; as doenças actuaes, os que escapavão destas, não escapavão da fome, assim que tudo era gemer, chorar e morrer”. Fácil conceber o esforço que representa o enraicamento dos primitivos

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO
povoadores de Cuyabá, nomades e aventureiros, como, em geral, o são os mineradores, e deslumbrados constantemente pelos novos descobertos.

Um documento coévo, de subido valor, a informação do Governador Rolim de Moura no pedido de mercês de Antonio de Pinho e Azevedo, fala eloqüentemente do que, na linguagem chan e desprezenciosa da época, se denominam “as diligencias para conservar a villa de Cuyabá”. Azevedo foi o abridor da chamada “estrada de terra” por Villa Bôa de Goyaz, em 1736, marcando, dess’arte, um novo cyclo da nossa Historia. Bastaria isso a immortalizar-lhe o nome, si ainda não o aureolasse a ingratição com que os Poderes públicos corresponderam aos seus serviços. E com o depoimento dos próprios officiaes da Câmara das Minas do Cuyabá, que Azevedo comprova “o industrioso meio com que o sup.e veyo a divertir os moradores das ditas Minas q’intentavão desertar dellas pela pouca conveniência que nellas experimentavão, tanto por falta de ouro como de mantimentos”. Esse meio foj comprar-lhes “varias moradas de casa que seus donos pretendião arruinar pellas não deixarem, a mayor pte das quaes deu gratuitamente a m.tos p.^a nellas habitarem” e construir “um grandioso Engenho com duas casas de sobrado” e ainda mais seguiu o povo “com hum serviço q’ na mesma V.^a de Cuyabá fez p.^a se minerar com agoa. assistindo, também com 16 escravos seus em companhia. de outras pessoas ao serviço q’ fez p.^a se tirar ouro em distancia de uma legua das Minas; e no serviço grde. da Motuca entrou com cinco escravos tudo afim de/ animar os, moradores daquellas Minas a não desertarem deltas”.

Foi nessa escola rude de sacrificios que se caldeou essa raça que, numa resistência de dois séculos esquecida, quasi abandonada do Centro, fez, sósinha, esse magnífico milagre de brasilidade, que é a conquista e a conservação da Mesopotâmia brasileira. Continuemos, porém, a deletrear as chronicas de antanho e veremos que, desde os seus primórdios, Matto Grosso irradiou o sentimento de brasilidade por todos os seus quadrantes, ao Norte com Rosário, que surgia do primitivo sitio do Quilombo, Diamantino, que no Alto-Paraguay esplendia ao fulgor das suas gemmas, a Serra, com a histórica Aldeia-Velha da missão jesuítica e a povoação de S. Anna da Chapada, cercada de ricos engenhos; a oeste, seguindo a grande linha de penetração, Coxaes, berço do Livramento, Béri-Poconé, a antiga S. Pedro Del Rey, Villa Maria e a

JOSÉ DE MESQUITA

Capital lendária, Villa-Bella, á margem do Guaporé, a “Cidade do ouro e da ruína” que Taunay celebrou em laudas magistraes. Sentinellas solitárias, bastiões da nacionalidade, nos longes extremos, Casalvasco, Caiçara, o Forte do Príncipe da Beira e, ao sul, Coimbra, o Pão de Assucar, as colônias de Miranda e Dourados, são outros tantos marcos de brasilidade alli erigidos na immensa linha lindeira, sabe Deus a custo de que ingentes sacrificios!

A relativa calma que se succedeu após as guerras dos payaguás, deveria, em breve, seguir-se a luta contra os hespanhoes da fronteira, que assignala outra phase de lides demoradas e angustiantes. Em 1771, as chronicas de Cuyabá registam a partida de “gente e mais gente para socorrer a fronteira da Capital” atacada e ameaçada de sitio pelos castelhados. Segue a companhia de hussares, capitaneada por José Paes Falcão das Neves “que alem da própria despeza chegou a fardar a sua custa e preparar de outras coisas necessarias muitos dos seus soldados, que por pobres o não podião fazer.. Pelo rio, seguem quatro companhias, duas de auxiliares e duas de ordenanças e, via terrestre, uma numerosa turma de capitães do matto e o Capitão-mór Vicente Rabello Leite com o resto das ordenanças”.

Si, assim, na defesa da terra commum, o mattogrossense se revelou sempre cioso e cheio de um nobre entusiasmo, não menor é o seu ardor a pról da sua liberdade, revelado em mais dum passo decisivo da sua Historia. Ensaçou, em 1821, num gesto ousado de brasilidade, o **self-government**, afastando do poder, cerca dum anno antes do grito do Ypiranga, o delegado da Metrópole, Governador Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, derradeiro Capitão-General de Matto Grosso. Arguindo-o de “concessionario insaciável, administrador vingativo”, o povo de Cuyabá, num movimento de altiva reacção e sem medir as consequências do seu acto de franca rebeldia, substituiu o ávido emissário da Corôa por uma Junta Governativa, em que o elemento nacional vinha representado pelo P. José da Silva Guimarães, por André Gaudie Ley e Antonio Navarro de Abreu. A exposição que, nessa occasião, dirigiram a D. Pedro, vasada em sadios anseios de independência, proclama desassombradamente que “quando um povo luta pelo primeiro, dos seus direitos” (o da liberdade, o de ser feliz) raraz vezes he sepultado”.

Abre-se a campanha nativista, que vem desfechar nos trágicos acontecimentos da **Rusga**, em 1834, e nos quaes, descontados os excessos, quasi inevitáveis em quadra

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO
anormal e de paixões desaçaimadas, se ha de vêr, por sem duvida, a notável reacção do sentimento nacionalista, duramente opprimido e vilipendiado por longos annos. A “Sociedade dos Zelozos da Independência”, verdadeiro club jacobino, actua fortemente para a deflagração da luta, em que cabe saliente papel a João Poupino Caldas, cuyabano, de enorme somma de prestigio nas massas e figura de extraordinária projecção na política agitada da Província, ás primeiras décadas do século passado.

Serenada a procella, com a vinda de Pimenta Bueno para o Governo, entra Matto Grosso a desfructar um período de relativa calma, em que, todavia, ainda o turbulento espírito nativista se encarna em Manoel Alves Ribeiro, o prestigioso chefe poconeano do partido liberal. Não tarda que a guerra venha enublar os horizontes da Província. Os incidentes do Pão de Assucar e Dourados, as palavras de advertência do deputado Antonio Corrêa do Couto, na Câmara, de nada valeram para forçar o Governo a melhor dotar a Província de aparelhamento defensivo contra a possível invasão inimiga. E quando explode, em Dezembro de 1864, o estopim que determinaria a campanha de um lustro com o tyrannico Lopez, é Matto Grosso a primeira victima visada pelas hostes paraguayas. Já a própria guerra fôra causada pelo aprisionamento do vapor em que viajava o presidente Carneiro de Campos, nomeado para a Província de Matto Grosso.

Segue-se, logo, a invasão, por água e por terra, da zona meridional, talada e espezinhada, de fôrma cruel e deshumana, pelas hostes do dictador de Assumpção. E nessa phase tremenda de rudes provações e inauditos sacrificios que Matto Grosso teve, mais do que nunca, ensejo de manifestar o seu sentimento de viva brasilidade.

Colhido de surpresa, quasi sem recursos, teve de offerecer, a mais decidida resistência ao invasor, vendo grande parte do seu território occupada, os bens e fazendas depredados, os habitantes prisoneiros e sujeitos a humilhações e maus tratos, durante largo espaço de tempo.

Foi posta á prova, do modo mais cruento, a bravura, a tenacidade do caboclo mattogrossense, em lances homéricos que assignalaram, para todo o sempre, a espartana coragem dos nossos voluntários, dignos descendentes dos “Leaes Cuyabanos” da quadra colonial.

JOSÉ DE MESQUITA

Coimbra foi o primeiro baluarte da brasilidade contra os feros invasores, chegando as mulheres a passar as noites fabricando cartuchos, enquanto os paes e esposos, nas muralhas do forte, as ordens do bravo Portocarrero, defendiam, encarnadamente, o reducto atacado por tropa numerosa e desigual. Sómente foi evacuada a praça, quando verificada de todo inútil a resistência. Quasi ao mesmo tempo em que çahia Corumba em poder dos paraguayos, uma columna de cavallaria marchava contra a colônia, militar de Dourados, onde Antonio João Ribeiro, só com os seus 16 commandados, inscreveria, com a immolação da própria vida, em lance invulgar, a pagina de mais puro heroísmo da Historia Militar brasileira.

Ainda agora o General V. Benicio da Silva enalteceu, em obra editada pela Bibliotheca Militar, a grandeza desse heroe, acerca do qual disse, com propriedade, Genserico de Vasconcellos, ser o “exemplo vivo desse Brasil, grande, generoso, descuidado, mas cavalleiro andante de todos os ideaes de justiça, de belleza e de heroísmo”. E o Brasil acaba de render publica homenagem aos Heróes mattogrossenses, erigindo-lhes em bronze, numa praça da Capital da Republica, a effigie gloriosa e inesquecível, nesse monumento idealizado pelo civismo de Cordolino de Azevedo e levado a cabo pelo mallogrado Antonio de Mattos.

A retomada de Corumbá, feita com elementos exclusivamente nossos, em temerário assalto, notabilizaria o seu çommandante Antonio Maria Coelho e o bravo Cunha e Cruz, morto gloriosamente no combate. Os fastos militares desses cinco annos de pugna formidável registam, a cada passo, scenas de heroísmo dos. Voluntários e da Guarda-nacional, empenhados, ao. lado do glorioso Exercito brasileiro, em reivindicar a honra da Pátria, que os inimigos pretendiam conspurcar.

O combate do Desbarrancado é outro episodio digno de uma epopéa. As margens desse, affluente do Miranda, foi attingida, pela collumna invasora de Resquin, a tropa de cavallaria da Província commandada pelo Tenente Coronel Dias da Silva e composta de 130 homens mal montados. Resistindo bravamente ao grosso do Exercito inimigo, tendo ao seu lado o capitão Pedro Rufino e o voluntário Gabriel Barbosa, que tombou na luta, conseguiu, recuando, estabelecer guerrilhas e escaramuças que detiveram a marcha dos paraguayos. A retirada da Laguna pôs de manifesto as qualidades extraordinárias do nosso sertanejo, tão bem encarnado no guia Lopes e seus filhos, e bem assim a do Sará, chefiada

O SENTIMENTO DE BRASILDIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO por Mello, o bravo, que reproduz, em proporções menores, os mesmos heróicos sacrificios daquella.

E quando os paraguayos, subindo o rio a montante de Corumbá, já retomada, tentaram atacar a flotilha que rumava para a Capital, feriu-se, no Alegre, um decisivo encontro, em que mais uma vez os mattogrossenses, com o commandante Costa e Balduino de Aguiar á frente, lograram pôr em retirada os seus atacantes, cuja superioridade numérica e efficiencia bellica eram manifestas. “No meio da dolorosa catastrophe, que foi a invasão, só Cuyabá, ficou de pé — diz o General Rondon em sua conferencia” influencia de Cuyabá na evolução politica e histórica de Matto Grosso “ — e só por Cuyabá se não pode dizer que esta parte do território nacional deixou de ser, por alguns annos, brasileira”.

Não faltou aos lopiztas intenção de avançar sobre a capital mattogrossense, mas o denodo dos cuyabanos, assaz conhecido, e a circumstancia de achar-se chefiando a defesa da cidade o bravo Leverger, nas collinas de Melgaço, os fizeram dissuadir de semelhante propósito.

Temos na vivandeira do 17, **Anna Mammuda**, um exemplo vivo da dedicação e coragem dessas mulheres do povo, e, na rainha do Puariteré, a negra Thereza, que preferiu a morte a ser reescravizada, quando deram cerco ao “quilombo”, um symbolo do amor á liberdade, que existe innato, em todos os corações brasileiros.

Não é, porém, só nos campos da luta que se ostentam as características vivazes, de brasilidade da gente mattogrossense: também no árduo e rijo labutar pacifico, nas terríveis investidas contra a força bruta dos elementos desse meio cósmico tocado do mysterio profundo das causas desconhecidas, no desbravar os sertões e levar ás mais impenetráveis regiões o sulco civilizador.

Uma das mais rudes e expressivas manifestações do espirito de brasilidade, de viril e quasi temerária coragem, nola deram os “paranistas”, assim chamados aquelles que, rompendo as vastas solidões do norte, iam, de rio em rio, até Santarém, a busca de guaraná e castanhas, com que abasteciam Diamantino e Cuyabá.

Prodígio só comparável ao “arajo dos exploradores primitivos do Guaporé, Manoel Felix de Lima e do Tapajoz, João de Souza Azevedo, essas incursões dos paranistas, que Florence e Bossi descrevem com as côres mais impressionantes, dão ao vivo a medida da resistência da

JOSÉ DE MESQUITA

nossa raça e do seu absoluto destemor em face das mais ásperas dificuldades. Levava a viagem redonda 5 a 6 meses, atravessando zonas infestadas pelas fêras e pelos terríveis tapanhunas, tendo as çanôas de fazer varações penosas nas cachoeiras, das quaes o “Salto Augusto” era uma das mais temidas.

Não ha, entretanto, admirar esses rasgos de valor, em uma gente que Deus parece, haver talhado para empresas que taes, pré-destinando-a, pelas proprias condições ambientes a realizar obras lendarias, como, por exemplo, a que metteu hombros e executou Couto de Magalhães, no seu bello sonho da navegação do Araguaya, levando de Cuyabá ao grande rio lestino o **Araguay-nerú-assú**, atravéz de mais de cem léguas de sertão, e vencendo os mais ingentes embaraços que se lhe antepunham ao ousado plano. Foi a um caboclo dos nossos, o capitão Gomes, que o presidente confiou a tarefa e ella foi realizada, vencendo uma região sómente povoada de selvagens — homens ou animaes — atravessando serras hispidas e rios, invadeaveis, e dando a prova da bravura e da pertinácia da nossa raça.

Em eras, mais, recentes, os dramas da conquista dos sertões do norte, pelos **seringueiros** e **poayeiros** offerecem paginas de não menos extraordinária coragem, emparceirando-se, por outro lado, a esse commettimento invulgar, a construcção da linha telegraphica do Norte, que immortalizou a Comissão Rondon, a cuja testa se via um cuyabano do Mimoso, o inclito General a quem o Brasil deve serviços de grande, inapreciável significação. E si achardes pouco o que ahi vae mencionado, lembrar-vós-ei o que têm sido o trabalho herculeo da expansão civilizadora no Sul, desde os inícios da occupação, de Sant’Anna, em que o mineiro Joaquim Francisco Lopes teve de enfrentar as onças, as sezões, o perigo das cachoeiras, passando dias e dias a mel e jatobá, que era o que encontravam — na faina de “semear posses”, germens de futuras povoações, até a fundação de Campo Grande, em que apparece, também um mineiro, José Antonio Pereira, que, como seu conterrâneo, vivia de caça, do mel e abóboras, que os gafanhotos respeitavam.

Serviu-lhe de guia um cuyabano, o pratico Luiz Pinto Guimarães, ao atravessar, com a família e aggregados, num total de 62 pessoas, os sertões do sudeste, mattogrossense, nos seus rudes **carros mineiros**, rumo a Maracajú, a Chanaan dos seus sonhos.

Acommetteu-os, ao transporem o Paranahyba, a **matadeira**,

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO
febre maligna, do typo paludico, mas o velho caboclo, com a sua immensa fé e a só applicação de raizes e tisanas, conseguiu salvar os doentes e continuar a sua viagem até as poéticas plagas onde o **Prosa** e o **Segredo** alternam o doce rumorejar de suas águas.

E mais recente, num espetáculo grandioso, já de nossos dias, vêmos a expansão do Leste, nos ricos e inesgotáveis garimpos, offerecer um novo aspecto de admirável brasilidade, nesse caldeamento de raças, vindas do Norte e do centro do país, para povoar e fecundar com o seu trabalho o fulgido Eldorado dos diamantes, que já ostenta primores de civilização nos seus centros urbanos de Poxorêo e Lageado.

Na extrema meridional, Ponta-Poran e Campanário nos apresentam originaes aspectos com a sua cultura da herva, integrando á vida mattogrossense considerável somma de elementos gaúchos e dos paes vizinhos, numa obra de assimilação racial pelo trabalho fecundo e productor.

A catechese indígena é outro aspecto que não pode ser posto á margem nesta rápida resenha, pois desde as primeiras tentativas, officialmente levadas a effeito, no Governo Galdino Pimentel, com o bravo sertanista Antonio José Duarte, a que prestou decidida cooperação a India Rosa, até o trabalho actual das Missões Salesianas e do serviço de Protecção aos Índios — ha uma seqüencia de heroísmos anonymos e de sacrificios indescritiveis, collimando a finalidade de trazer ao convívio da grande Pátria comum os nossos irmãos das selvas. As próprias revoluções, em que observadores superficiaes têm procurado vêr motivos denegridores do nosso character, e cujo cyclo parece felizmente encerrado, fôram em Matto Grosso, quasi sempre, reivindicações de direitos conspurcados, em justos e humanos anseios de liberdade.

O mattogrossense é amigo da lei e respeitador da autoridade, dès que esta não descambe para o arbítrio e para a violência. A sua fidelidade á disciplina encarna-se nessa figura varonil de Baptista das Neves, o heroe diamantinense, que prefere morrer no seu posto a entregar á marujada infrene a nave que a Pátria lhe confiara. Ainda hoje, a historia contemporânea de Matto Grosso se pontilha de episódios que delatam na nossa gente esse sentimento de sã brasilidade, formando ao lado daquelles que lutam por que o Brasil conserve a sua individualidade ou, para melhor exprimir com o nosso grande Calógeras, na sua “Formação histórica do

JOSÉ DE MESQUITA

Brasil” – essa decisão de “nunca deixarmos de ser o que somos”.

E de como os mattogrossenses sabem sobrepôr os motivos de ordem nacional às próprias conveniências regionaes, immolando-se em holocausto ao Brasil, na mais sublime das renunciias, qual a do seu patrimônio territorial, temos flagrante testemunho na cessão, até hoje não compensada, do seu território para que se effectivasse o tratado de Petrópolis, em virtude do qual ficou solucionada a questão do Acre com a Republica da Bolívia. E, pela palavra do Governo, ao ter conhecimento das clausulas do accordo que vinha mutilar a sua integridade territorial, declarou o seu pleno assentimento, visto estar convencido “de que elle satisfazia os elevados interesses nacionaes”.

Meus Senhores:

Eu posso dizer, eu que, a fundo e longamente, tenho vivido com os meus, quanto esse sentimento de brasilidade se impregna nos hábitos, no phraseado, na vida intima, na organização familiar e do trabalho da nossa boa gente do campo, a que tão bem se applicam aquelles admiráveis conceitos de Oliveira Vianna em “Minas do lume e do pão”.

E preciso ter conhecido, de perto, esses nossos templos antigos, que a crença sagrada dos nossos maiores nos dá a impressão segura da unidade racial através dos tempos e como que se objectiva o próprio Passado nos retabulos de ouro velho e nas incrustações de talha, prodígios de arte colonial, ainda não sufficientemente apreciados. Mister se faz ter penetrado os velhos solares de antanho, os engenhos solitários da Serra-Acima e as fazendas da beira-rio, que conservam ainda, nos costumes, como no mobiliário, essa alma brasileira que Augusto de Lima Junior acaba de evocar e reviver no seu magistral ensaio sobre a “Capitânia do ouro e a arte barroca”. E, principalmente, torna-se necessário ter conversado, auscultando-lhe a alma e o coração, o nosso caboclo, dormido ao seu lado, nos ranchos de tropeiro, ou nas rédes armadas no cerrado, á beira dos córregos, sob o manto protector dos amplos céos silentes e estrellados, embebendo-se da poesia humana do nosso folk-lore, ou ouvindo a plangência sentimental das violas e dos cochos, dos ganzás a se alternarem com os pratos nos rústicos siriris e cururús, que fazem o encanto da vida sertaneja. Porque, senhores, não é na orla littoranea, nem no fragor das Metrôpoles estonteantes e

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATTO GROSSO cosmopolitas, que nós sentimos, fundo e vivo, o Brasil!

E, sim, no trato da gente simples do interior, roceiros e mineradores, cuja opposta psychologia Joaquim Felício tão bem espelha nas suas Memórias do Districto Diamantino, ou esses tocadores de tropas em que Baptista Pereira viu como justesa os primitivos engenheiros das nossas estradas” – que vamos obrigar esses typos eminentemente “brasileiros” que parecem resahir do mundo de uma paisagem animada de Affonso Arinos ou de Alberto Rangel.

Só assim, no contacto diuturno do nosso caipira, “soffredor resignado e sempre confiante”, desse caboclo cuyabano a quem no dizer expressivo de V. Corrêa Filho, “competiu a incomparável missão histórica de fecundar com seu esforço a terra maravilhosa, com que os seus avós integraram a base physica da nacionalidade”, poderemos com justiça, proclamar, através dos ensinamentos da historia e da observação conscienciosa do presente, que é, na magnífica interlandia, que vivem o cerne da nossa raça, medulla da nossa gente e as nossas mais vivas, sadias e pujantes reservas de brasilidade.